Professora agregada em Letras Modernas,
Camille Laurens foi docente na Normandia e, depois,
em Marrocos, onde passou doze anos. Vive atualmente
em Paris. Obteve o prémio Femina e o prémio Renaudot
des Lycéens por *Naqueles braços* (2001). Está traduzida
em mais de trinta línguas.

À minha maravilhosa filha

1

1

«É menina.»

Começa com uma palavra, como a luz ou a escuridão. O teu nascimento é semelhante à criação do mundo; há o céu e há a Terra, uma palavra corta em dois o espaço, divide a multidão, separa o tempo. Mas não é Deus a pronunciá-la, é melhor que o saibas desde já, é Catherine Bernard, parteira na Clínica Sainte-Agathe, onde o relógio de parede marca as cinco horas e um quarto. Não preparou este anúncio, não desejou nem decidiu nada, tendo ainda menos a dizer sobre o assunto dado que é freira, mas o resultado é o mesmo: ela di-lo, nomeia-te ao trazer-te ao mundo, sob a coifa imaculada, a esposa virgem de Deus pronuncia a sua decisão, faz-te nascer nomeando-te. Nasces de uma palavra como de uma rosa, floresces sob a língua. Ainda não és nada, nem sequer um sujeito, custa-te chegar à existência; ainda não podes dizer «eu sou», ninguém diz «ela é», nem sequer no passado, «e a menina foi», nem sequer com um artigo indefinido, «e uma menina foi»; isto não se diz. Além do mais, não és indefinida, ah, isso é que não, não nasceste indefinida, o teu artigo acaba em «a», uma

diferença pequena, mas loquaz. Pelo contrário, és um artigo muito definido. Os acontecimentos falam por ti. Nascida menina. É assim, está dito, ressoa no ar — quarto branco, garrafa de água, cama estreita, crucifixo. O teu nascimento é um enigma banal. Nasces pequenina, pouca coisa, às três pancadas. Surge uma cisão, mas onde? Há uma noite e há uma manhã. Uma sucede-se à outra, uma torna-se na outra. Tu, não. Tu não és modificável. É assim que é. As fadas já não se debruçam sobre o teu berço. A missa está dita. Entras de cabeça baixa no cenário e a tua vida dada à luz desenrola-se ao ar livre, enfim, livre, é uma maneira de dizer, pois de dia ou de noite, tarde ou cedo, não será nunca senão aquilo que és. Berras, esganiças-te, a verdade é fria e enche-te os pulmões, a rima é feminina, grita e cria em ti a sensação áspera da separação, sentes que se divide, só isso, já são duas, corta, está cortado. O teu nascimento separa-te ao mesmo tempo da tua mãe, que também é menina, isso é sabido, e de toda a humanidade que não carrega o nome de menina. A outra palavra não é pronunciada, e com razão, mas paira silenciosa no éter do quarto, a palavra oposta põe no ar um efeito de estêncil, *um* embrião, *um* feto, *um* bebé, até aqui, o género estava do lado dele. Segundos antes, ela ou ele, tudo era possível, a gramática ainda magicava a sua paisagem, agora cortaram-te as asas (que mais?), estás mais só do que Robinson, e, contudo, está feito, os dados foram lançados com a placenta, Deus, nascido rapaz, diz-se, pai de um filho, acredita-se, Deus é uma criança que joga aos dados: é menina.

«É menina.»

A voz que formula o teu *incipit* não é modulada por nenhuma inflexão em particular, salvo a que induz o trabalho bem-feito. Catherine Bernard bebe um pouco fora do serviço, mas até agora os seus resultados não foram afetados. Ajudou mulheres, e não foram poucas, a tornarem-se mães, e deu frutos, tirados das suas entranhas. Por muito que se tente, não se há de encontrar nela uma preferência — no máximo, uma ambivalência: o rapaz recém-nascido lembra-lhe sempre o Menino Jesus do presépio, o sagrado do seu trabalho e da Natividade. Mas as meninas são-lhe menos estranhas, lava-as com maior facilidade. Agora que pensa nisso, passa grande parte do tempo a mexer em partes

genitais. As dos meninos são enormes relativamente ao resto do corpo, estão inchadas de hormonas, não se vê mais nada. As das meninas, discretas, envergonham-na menos, embora isso seja estúpido. Senhor, perdoai os meus pensamentos.

«É menina.»

Do outro lado da frase da irmã Catherine estão os teus pais, os destinatários, e também os responsáveis, os fazedores de raparigas, os agitadores — ele, ela, na hora H, quem não foi capaz de dar o quê? Mas, neste preciso momento, não é essa a questão que prevalece, embora mais tarde se possa responder à letra para confirmar a frustração, esmiuçar o porquê para não chegar a lado nenhum. Recebem a notícia. Enquanto estavam à espera, à tua espera, não sabiam nada. Não te viram furar a opacidade do ventre materno e agitar com as mãos o ar líquido num ecrã luminoso qualquer, escrutado por uma bata branca que observariam com atenção, pendentes da frase decisiva ainda que aureolada de dúvida (a consciência profissional), comovidos com a sua interpretação íntima (para se mexer assim tanto, deve ser um…) — pendentes da proferição do oráculo, da sua verdade provável, não de um «é menina», mas do seu equivalente prudente, do seu sinónimo aproximado: «Não estou a ver nada.» Não foram informados da tua falta de forma no sítio onde se forma. «Não estou a ver nada», compreendam: «É menina.»… Não há nada para ver, toca a circular, é menina. Os teus pais não aguardam nem ouvem anúncios destes, porque as máquinas *ad hoc* ainda não existem. Estamos em 1959. Ainda mal se concebe a ideia de se ver o sinal de uma joia de família ou qualquer coisa que se possa pixelizar a olhos vistos; a técnica ainda não escreve a onda gelificada dos desejos e desprezos, nenhuma imagem regista os nadadores amnióticos, portanto bem podes abanar os pés e as mãos, mover montanhas ao pontapé, que o suspense se manterá inteiro até ao fim, e os teus toquezinhos com os dedos dos pés são em vão, apesar das previsões da gravidez: se não há enjoos, é menino; vontade de vomitar, é menina; libido em alta, é menino; desejo a meia-haste, é menina. Vontade de salgados, vontade de doces? As meninas são gulosas, já se sabe. Barriga como uma bola redonda, temos homem; barriga

como uma bola de râguebi, temos pipi («Pff», diz o teu avô, que fintou os All Blacks em 1925, num estádio a rebentar pelas costuras). Existem até hipóteses mais secretas, que se repetem ao ouvido de parturiente em parturiente, entre contração e contração: se houve orgasmo na conceção, é rapaz; se não se sentiu nada, há de ser menina. A tua mãe fica preocupada.

Também é novidade porque não és a primeira. Não é só uma menina que anunciam, mas mais uma. Uma outra filha — preferem não dizer «uma segunda», pois não se prevê uma continuação (estão enganados). Não és só menina, és mais uma. Vens depois de uma outra. A tua irmã (não tardarás a perceber) nasceu antes de ti — és tu que, ao nascer, lhe dás o nome de irmã, és tu que batizas as duas com um nome diferente do de filha, com o nome comum de irmãs (ela não quer, nem tu nem ninguém). A tua irmã mais velha pela graça de Deus veio sem grandes hesitações. Ainda assim, puseram-lhe o nome de Claude, para dizer a Deus (em quem não acreditam) que, enfim, esperavam, imaginavam, faziam conta de… Tu, a segunda, vieste desorientar. «É mais uma menina.»: és uma notícia dececionante. Não estavam à tua espera. A tua irmã não inaugurou a escolha do rei, mas tu não és sequer a escolha da rainha. Não és uma princesa.

Ainda assim, o teu pai faz a deslocação. Impaciente, assiste ao teu nascimento. Isto ainda não é praticado, dez anos antes de Maio de 68; os pais são mantidos longe do sexo dilatado das mulheres, da dor que se desperta nelas no meio de um cheiro a merda e a sangue, dos seus gemidos de animal a morrer esventrado. Não seriam capazes de se recompor, diz-se, ficariam impotentes com a visão. Protegem-se os homens da falência e o casal do nojo de si mesmo. Mas para o teu pai, abrem uma exceção; julgaram que era forte o suficiente para ficar na sala de partos; afinal, é do ramo, enfim, quase: é dentista. Portanto, habituado que está às aberturas, as mucosas sanguinolentas não são coisa que o assuste. Frequentador de gengivas, não corre o risco de se sentir ameaçado por uma vagina com dentes. De cair redondo no chão, castrado para sempre pela terrível visão. Todos os dias, faz… Não; espera… Não é o teu pai que é dentista, esquece, esse é o Dr. Galiot, com quem se cruzou ainda agora no corredor, no meio de uma nuvem de

fumo, junto à sala das parteiras; será ele o teu dentista quando tiveres dentes, e o filho que está prestes a pegar ao colo sem apagar sequer o cigarro andará contigo no liceu — Jérôme Galiot, o parvalhão nascido no mesmo dia que tu, gémeo falso que, aos teus olhos, dará todo o sentido à expressão «sexo oposto» com as suas piadas baratas, mas, por enquanto, troféu dos seus pais na Clínica Sainte-Agathe de Rouen, ganhando-te por um quarto de hora e uns poucos centímetros de comprimento. Não, o teu pai é médico de Clínica Geral na Rue Jeanne d'Arc, e já pensou no teu nome: Jean-Matthieu. Jean como o pai e Matthieu como ele, em homenagem aos homens da família e aos dois Evangelhos mais belos, à fé de huguenote. Foram avisá-lo ao consultório de que estava para breve, apressou-se deixando tudo de lado e tornou a ir-se embora, regressando às cinco da manhã. O ar da noite perfuma o cromossoma XY, desta vez é que é, é rapaz, está a senti-lo, quer estar lá. Cumprimentou de passagem o Dr. Galiot, «parabéns», e enfiou-se na sala de partos no momento em que saías do abismo. A irmã Catherine não aprecia lá muito a intrusão, ajeita o avental como se a tivessem apanhado despida, e mal o teu crânio aparece, recambia o teu pai para junto da tua mãe ignara e entorpecida: estão quites, e é melhor assim. A julgar pelas madeixas esparsas coladas no topo da tua cabeça, és do sexo masculino, de certeza, até se pode dizer sem engano que aos cinquenta anos vais ter uma alopecia galopante, para depois ficares careca: o teu pai graceja, mas ninguém se ri, a tua mãe está a sofrer como uma desgraçada, o fruto do seu ventre está a fustigá-la, já não se lembrava das dores horríveis, nunca há de dizer-te uma palavra sobre isso, porque o sofrimento físico se apaga do corpo com maior facilidade que o prazer, a natureza está bem-feita, e em breve ficarás a saber o que é a dor suprema das que nascem meninas. Em pé, junto da cama, o teu pai segura distraidamente na máscara sobre o nariz da tua mãe, com falta de oxigénio e de ternura, a esticar o pescoço para a irmã Catherine, que se engloba no esforço de vida, «vá, empurre, força, respire», vá, vá, vamos a isto, vamos continuar, vamos passar os ombros, quantas crianças terá dado à luz com as palavras? O parto está próximo, já o teu pai está em apneia do nascituro, de repente deixa de

acreditar, de garganta apertada, perde o pio à beira do abismo. «O que é?», pergunta a tua mãe entre dois fôlegos, ainda não se sabe, empurrar mais uma vez, não cheira a rosas e mesmo assim aqui está, o teu pai desmancha-se, será que alguma vez acreditou? O que é? Não é.

Pousam-te sobre o ventre da tua mãe, olá, diz o teu pai ao ver a vulva inegável. Soltas um vagido. Maquinalmente, rasga um sorriso e recua. Tu não guinchas, tu berras, esfalfas-te, mas que caixa, assim de ouvido não se nota a diferença. Uma voz de estentor, três quilos e novecentos, cinquenta e dois centímetros: não esteve longe. O teu pai retira-se. De repente, tudo lhe parece esgotante, sente-se esvaziado, vai para casa dormir — o cordão, a mamada, o banho, não sobra quase nada para ele, dali a quatro horas terá de retomar as consultas. Telefonar para a família de Ardèche, modulando a voz enrouquecida: «É menina… Sim, sim, também é bom.» Menina. Pronto, está dito, está feito. O champanhe vai ficar no *Peugeot*. Se fosse rapaz, teria assistido ao primeiro banho pelo prazer de ver flutuar o sexo avantajado. Enquanto uma rapariga… Nada para ver. Não que tenha ficado triste, isso, não. Só falta qualquer coisa para completar a sua felicidade, apenas isso. Cola-se às paredes para evitar cruzar-se de novo com o Dr. Galiot, mas dá de caras com ele na entrada do estacionamento. «Então?». «É menina.» «Ah! Também é bom.»

«É menina.»

Pensando bem, talvez esta não seja a primeira frase que ouves — porque a ouves; isso é indiscutível: não se sabe ao certo o que veem os bebés ao nascer, se são mais ou menos cegos ou míopes, logo no início, mas ninguém desconfiou nunca de que fossem surdos. Até dizem que ouvem sons *in utero*, meses antes de virem ao mundo, que distinguem, deformados pelos borborigmos e o rumor do líquido amniótico, a voz da mãe ou a sua vibração, o *toc, toc* do pai no barriga, quando o há, ou a música tocada suficientemente alto. No teu caso, o teu pai não tentou meter conversa contigo, isso de certeza — falar com desconhecidos não faz o género dele. Também é pouco provável que tenhas ouvido *cantatas* de Bach ou sonatas de Mozart, pois gosta de ouvir os discos

noite dentro, à hora a que uma mulher grávida já tem de estar na cama. Por outro lado, quando o teu pai não está em casa, de manhã, à tarde, a tua mãe põe a tocar uma e outra vez o êxito do ano anterior, *Only you*, arrulhado pelos Platters, *You're my dream come true, my one and only you*, pois comprou o disco de 45 rotações no dia em que saiu. Ou Doris Day, *Qué será, será, whatever will be, will be…* Talvez, antes da frase inaugural, no seio de uma gestação poliglota, tenhas apanhado alguns toques de inglês em modo de fundo de piscina, que mais tarde irás traduzir quando for esta a tua profissão, *és o meu sonho tornado realidade*, ou até três palavras de espanhol abafadas por tampões de cera, *acontece o que tiver de acontecer* (*não decidimos o futuro*), estas últimas mais adequadas do que as primeiras ao feliz acontecimento, porque, a bem dizer, o que acontece não é o que tínhamos sonhado, uma vez que o que acontece, na realidade, és tu, isto é, és só tu. Aos seis meses do teu desenvolvimento, aqui estás, toda ouvidos, pronta para ouvir, primeiro, os refrãos da tua existência futura, e depois, na orla do mundo exterior, ao mesmo tempo o *ploc* da pedra atirada de viés à superfície relativamente lisa do silêncio («É menina.») e os ricochetes a propagarem-se de voz em voz («Também é bom.», «Fica para a próxima.», «As meninas são mais fáceis.», «Só falta converter o ensaio.»).

Embrulham-te num *body* branco oferecido pela tua avó, que não quis desafiar a sorte. Conheces a história dos dois bebés na maternidade? «São dois bebés acabados de nascer, estão deitados um junto ao outro no berçário. O primeiro diz ao outro: "Tu és o quê? Rapaz ou rapariga?"; "Não sei", responde o outro; "Espera", diz o primeiro, debruçando-se sobre o berço dele. Levanta a manta, espreita por baixo e diz-lhe: "És rapaz."; "Como é que sabes?", pergunta o outro. "Ora, porque tens cuecas azuis."» Contigo, foram prudentes, abstiveram-se de tricotar a azul, dispensaram pintar as paredes de azul-claro, preferiram não colar um lambril azul-marinho no quarto preparado. Tiveram paciência. Não se vende a pele do urso antes de o matar. Mas também não lhes deu para o rosa, o salmão ou branco rosado, e até trocaram o casca de ovo por um branco puro, de neve (virgem) que a sorte e os cromossomas pintarão de vermelho (sangue) ou de azul (régio): é a natureza, e não o sonho, que escreve o conto. Os presentes de nascimento

não tardarão a compensar a hesitação. Peluche, roca, gorro, lençol de banho, vais ver tudo a cor-de-rosa — rosa como o vestido de Grace Kelly que todas as mulheres copiam desde que se casou com o seu príncipe. Até os alfinetes de ama que prendem a tua fralda serão cor-de-rosa — sim, nasces na fronteira histórica entre as fraldas laváveis e as descartáveis; isto não te rejuvenesce, bem sei. E olha que também não ajuda a tua mãe. A roupinha branca, neste entretanto, não é uma ideia lá muito brilhante. Como a tua avó tricotou roupa para pelo menos seis meses, foram calções, sacos de dormir, casacos, meias, todos branco-neutro, para as pessoas com quem se cruza na rua, os vizinhos do prédio, os pacientes do marido que perguntam e se interessam, levados por nada: «É menino ou menina?», «Como se chama?». A tua mãe mal consegue responder: «É menina.» E até (e isto é o cúmulo) se vê obrigada a desenganar os surpreendidos, desorientados pela tua envergadura: «Não, não, garanto-lhe, é menina.» De manhã, o teu pai vai ao Registo declarar o nascimento. Diante do funcionário, não se lembra do nome que tinham escolhido se por az…, se por acaso, se fosse… Como é que era? Juliette, como a tua madrinha? Isso é que não, Julieta é o apêndice de Romeu, enfim, se é que se pode dizer apêndice, ah, ah! Julieta é o grau zero da pilinha, é a espera do que ela não é, do que ela não tem, é sufixo de eterna menina, é menininha, fofinha, amorzinho, é Julinha, o diminutivo feito menina, a Júlia eternamente diminuída, a vigia da varanda, a rima pobre do poeta amargurado, Romeu, o protagonista, brilha pela ausência. Deve dizer-se que o teu pai se chama Barraqué — com dois erres, aponta ele sempre, assim faz o par. Jean-Matthieu Barraqué, é um patronímico, garante de um filho. Enquanto aqui… A onomástica pregou-lhe uma rasteira — e, diga-se de passagem, também não vai facilitar-te a vida. Então? Nathalie? Annie? Sophie? — a valsa dos és mudos, o tango das mudas. Martine? (já agora!) Jeannine? Ui. Josette? Não (Foge!). Está completamente à nora. Finalmente, lembra-se de um filme que acabou de ver no cinema, *O Príncipe e a Corista*, com Marilyn Monroe e Laurence Olivier. A corista é Marilyn Monroe. Fica, então, Marilyn? Com um e no fim, para ficar mais francês? Marilyne. Não está mal… Mas, e se fores feia quando

cresceres? Se não tiveres com que preencher as mãos de um bom homem? Marilyn não é prenda nenhuma. Põe um peso nos ombros. E nos seios, e nas nádegas. (Além disso, Marilyn Barraqué… Pois. O teu pai também não é completamente parvo.) É como Juliette, num estilo diferente: dá demasiado nas vistas. Porque não Carmen, já agora?! E que diria Simone, a tua mãe? Seria como dar-lhe uma rival, ainda no berço. Já o príncipe… «Nome da criança?», repete o funcionário do Registo Civil. Laurence Olivier… A verdade é que o teu pai é parecido com ele, já lho disseram várias vezes (e também tem algo de Sean Connery. E um pouco de Tyrone Power). Laurence Olivier. Moreno tenebroso, como ele. Filho de pastor (anglicano, mas pronto…), ator genial (fez de Romeu, precisamente). Presumivelmente homossexual? O teu pai desconhece-o — não dá ouvidos às más-línguas. «Laurence», responde. Laurence, do latim *laurus*, «(coberto de) louros» (o teu pai não percebe nada de etimologia, mas é médico, conhece todas as plantas pelo nome científico). Vais ser um atleta grego, um tribuno romano, coroado de louros. Serás Espártaco, Romeu, serás César, Apolo, Napoleão, se for preciso. Vais ser um príncipe, filha. Pelo menos para os bifes. Vais ser Laurence, o eterno laureado. Ou x eternx laureadx, se preferires (o teu pai sente-se conciliador no dia do teu nascimento. «Ortografia inclusiva? Que disparate é esse?», dir-te-á sessenta anos depois. A mulher já está incluída no homem.»).

Mais tarde, regressa com a tua irmã Claude, que, embora ainda não tenha percebido que iam trazer-te para casa, não compreende o que veem em ti e de onde vem todo esse êxtase. Em resumo: a boca do tio Albert (coitada), o nariz da avó Marcelle (ainda bem), os pés enormes para a tua idade (doze horas e meia) e os olhos rasgados vá-se lá saber porquê. Duas fendas no meio da cara: tens um ar asiático (mas não mongol, isso não). «Perguntei à irmã Catherine porque é que a minha filha tinha cara de chinesa», diz o teu pai para divertir o público (e tentar fazer esquecer a branca que lhe deu no Registo). «Falou-me da icterícia pós-natal, da genética, da vontade divina: não fiquei muito convencido. Insisti, e foi então que me disse: "Pode haver um

outro fator…"; "Bem me parecia…"». Riem-se todos, menos a tua bisavó (que irá verificar depois). «Laurence? Lourença? Porque não Florença, já agora?», diz o teu pai. Serias uma menina que vem com uma cidade? Que ideia. Ficarias sem os louros, já não te mandariam pô-los na cabeça, como um homem. Seria uma pena. «Estou a ver que vou ficar sem a minha equipa de râguebi», diz o teu avô, que nem por isso deixa de te apalpar os bíceps.

És menina.

Também não é drama nenhum, sabes? Tens os olhos rasgados, mas não estamos na China. Não estamos na Índia. Hoje em dia, «é menina» é uma frase proibida na Índia. Dizer «é menina» antes do nascimento pode dar três anos de prisão e dez mil rupias de multa: já não é possível pedir ou praticar uma ecografia para ver o sexo da criança e abortar em consequência, pois são muitas as meninas que desaparecem; à força de as asfixiarem antes de nascerem, existem aldeias inteiras de homens solteiros. À força de liquidar as meninas, já não encontram almas gémeas. Antes de inventarem a ecografia, matavam-nas ao nascerem. Se tivesses nascido na Índia ou na China, talvez estivesses morta. Em Rouen, não há problema. Gostam de ti, apesar de tudo.

Vais dizer-me que nalgumas regiões do mundo é o oposto: no México, os Zapotecas de Juchitán de Zaragoza organizam grandes festas quando nasce uma menina, pois lá as mulheres são as chefes de família e legam o nome aos filhos. Os homens dão o seu salário às mulheres para o gerirem. Mas, enfim, isto é no México, além do mais, numa terra minúscula. Já na tua terra, a tua mãe não tem conta bancária, nem o direito de passar um cheque ou de trabalhar sem a aprovação do teu pai — aliás, não trabalha. Cozinha (muito bem — vem de uma escola para donas de casa), joga ténis (bem) e damas (nada mal). Quanto ao ténis, é complicado, o teu pai não concorda, por causa dos torneios que a afastam, na sua saia curta, do almoço de domingo, preparado consequentemente à pressa, quando não fica por sua única conta e risco. Não tardará a aproveitar o *farniente* para arranjar um amante. É assim que as meninas conseguem afirmar a

sua liberdade, tal como os rapazes. *Only you* declina-se, *and you, and you*. Para um esperto, esperta e meia. Para um marido, mulher inimiga.

«É menina.»

Começa com uma palavra, como a luz e a escuridão, como a luz que apaga a escuridão.

Ouves várias vezes esta palavra, da boca de Catherine Bernard e, depois, da boca da tua mãe ao telefone, com o rosto lívido encostado no travesseiro, a espalhar a notícia, ouve-la várias vezes desde o primeiro dia, mas nem por isso a compreendes. Aliás, é evidente que não a compreendes. A palavra «menina» não faz qualquer sentido para ti, tal como a palavra «rapaz», que circula às vezes na conversa da tua mãe. Aos poucos, acompanhando outras palavras, vais perceber a sua importância inaugural. Vais perceber que não se trata apenas, como a apresentação «é» poderia levar a crer, de uma observação neutra, de uma constatação, mas também, e sobretudo, de uma relação com o mundo, de um destino subjacente, digamos. Primeiro, «é menina» significa «não é menino». Mas, antes, tens de passar por outras palavras.

Descobres a tua família. Com o ouvido, depois com o olhar, e com o tato. Antes de mais, está a *mamã*. *Mamã* é a primeira palavra que aprendes, e é nome de menina. Se fosses menino, seria a mesma, balbuciarias *mamã* da mesma maneira — *papá* vem depois; está comprovado. Menino, menina, todos gostam primeiro da mãe. O amor, basicamente, é menina. Os céticos dizem que só é a primeira palavra por ser mais fácil de pronunciar. Mmmmm, é o que fazem naturalmente os lábios à procura da mama. A consoante bilabial presta-se ao balbucio do bebé esfomeado. Mamã é só *miam, miam*, dizem, é a chamada do mamilo confirmada pela fonética. Basicamente, o amor é uma mama, mais nada. Sim, mas é uma mama de menina. Redonda, inchada de leite, nutrícia. Os pais não a têm, hás de reparar. Já reparaste. Quando o teu pai te pega ao colo, não há nada para chupar por baixo da camisa branca, é completamente liso. Nada por baixo da gravata. Talvez seja por isso que quase nunca te pega. Será que te pegaria mais vezes ao colo se fosses rapaz? Provavelmente, não, porque, sejas quem fores, nesta fase não passas de um bebé baboso. Além disso, os rapazes não

precisam de tantos mimos. Ficam moles. Ainda assim, mantém-se a dúvida. Por outro lado, a mamã está lá sempre. Gritas, e ela chega. Tens fome, e aparece a sua mama. Fazes cocó nas fraldas, e ela limpa-te. Cheiras mal, põe-te água-de-colónia. Doem-te os dentes, dá-te a girafa para morderes. Tens medo do escuro, liga a luz de presença. Tudo isto mais ou menos depressa. Já o pai não faz nada disso, como irás reparar. Também reparas que a voz da mãe é mais doce e mais terna, diz beijinhos, cucu, amor, leitinho, canta palavras que te embalam. A voz mais grave, que depressa irás associar a todas as silhuetas lisas dotadas de pelos, de uma bola no pescoço e de um par de calças, tem tonalidades mais interrogativas, como está a bebé?, onde está a minha camisa?, quando é que se janta? No global, a voz pai faz muitas perguntas e a voz mãe responde. De maneira geral, o corpo mãe está aqui agora, passeias com ele, ao seu colo descobres a cozinha, a casa de banho, o quarto, enquanto o corpo pai está noutro lado, atrás da porta, fora da vista. A voz pai não se dirige a ti, fala de ti, ocasionalmente, quase cientificamente: eritema da fralda, bomba de leite, vacina em rutura de *stock*, enquanto a voz mãe associa para ti uma palavra e uma coisa, uma sensação, um gesto: caçarola, banheira, beijo, calor, oó, adoro-te. O conceito papá é uma ausência, o papá não está, enquanto a mamã, sim. E quando não aparece, é uma outra voz a substituí-la, dotada de seios e vestidos, uma voz que responde pelo nome de avó ou bisavó ou tia ou Ginette, uma voz doce e atenta — também de menina, nota-se. Nas primícias do teu cérebro, imprime-se um silogismo: o amor é estar aqui. As meninas estão aqui. Logo, as meninas são amor. Todavia, a tua irmã é a exceção à regra. Usa vestidos, matraqueia, mas muitas vezes não está, e, quando está, não te sentes segura. Portanto, não é certo que a tua irmã seja menina. Veremos.

A propósito de meninas, passa-se uma coisa estranha. És menina, isso sabemos. Mas também és filha do teu pai. E filha da tua mãe. O teu sexo e o teu grau de parentesco não se distinguem. Esta é e será sempre a única palavra que terás para nomear o teu ser e a tua ascendência, a tua dependência e a tua identidade. A filha é a eterna afiliada, a filha nunca sai da família. O Dr. Galiot, pelo contrário, teve um rapaz e tem um filho. Tu só tens uma entrada no dicionário; ele tem

duas[1]. O fenómeno repete-se com o passar do tempo: quando cresceres, tornas-te numa «mulher» e, se for caso disso, na «mulher de». A única palavra para te designar não deixa nunca de realçar o teu jugo, liga-te sempre a alguém — aos teus pais, ao teu marido, enquanto um homem existe em si mesmo, é a língua que o diz, tal como a gramática irá explicar-te mais tarde, na tua escolinha de meninas contigua à dos rapazes, que «o masculino prevalece sobre o feminino». Um dia, terás de aprender isto de cor, mas já o sabes desde o primeiro dia. Caso não o tenhas decorado bem, o pastor explica-to de maneira mais imagética. Deus criou Adão, e depois, achando que estava muito só, arranjou-lhe companhia a partir de uma costela. Eva nasceu de um pedaço de tórax masculino! E esta? Tens oito anos, és capaz de identificar uma couve, uma rosa, já apanhaste a história da cegonha, mas menina e mulher nascida de um osso de homem, isso, não! É demais! Brincas com a tua irmã a caminho da catequese: «Com que então falta uma costela ao Adão? O antepassado está mesmo malfeito! Os rapazes têm um parafuso a menos.» E, no momento do crisma, tens quinze anos e perguntas em voz alta: «Sabem porque é que Deus criou Adão antes de Eva? Porque antes de fazer uma obra-prima, é preciso fazer o rascunho.» Todos os catecúmenos desatam a rir-se. Já o pastor considera que não tens maturidade suficiente para fazer a comunhão nesse ano. Não a fazes. Nunca hás de fazê-la. Jesus não passa de um menino do papá, e tu queres lá saber. Mas não antecipemos.

Nasceste há algumas semanas, voltaste para casa. A tua irmã Claude olha com dureza para ti a mamar. Debruçada sobre o teu berço, com um sorriso falso nos lábios, teria todo o gosto em espetar-te uma agulha de tricotar na pupila, mas a mãe está de olho em ti. Todos os dias, chupas o seio até mais não, para ti não há nada melhor, instalada no colo, do que aspirar o líquido branco que se renova ao sabor da tua fantasia vocal. Fora a tua irmã, que não desvia os olhos de ti, e todo esse cor-de-rosa a invadir o teu campo de visão, não conheces nenhum motivo de insatisfação. A tua felicidade dura quatro meses, passados os quais, por um motivo inicialmente obscuro, a tua mãe te espeta na boca uma

[1] Em francês, *fille* designa tanto a palavra «menina» como «filha». *(N.d.T.)*

tampa de borracha com um furo na ponta. O leite que dá não tem o mesmo sabor, e, além disso, a tua mãe está completamente diferente; vê-la falar ao telefone na outra ponta da sala, preocupada, enquanto a tua avó ou Ginette, a empregada doméstica, te dá o biberão, e às vezes nem sequer a vês, não está. Será que se fartou de lhe sugares as mamas quatro vezes por dia, correndo o risco de lhes estragares a beleza? E, em bom rigor, o que será dela se deixar de ser bonita? O que acontece a uma rapariga feia? Ou será que quer ter mais tempo livre, livre dos teus horários esfomeados, ela que, apesar de tudo, não trabalha? Porque ficar em casa com duas crianças não é trabalho, isso é bem sabido.

A verdade é que existe um outro motivo. A tua mãe está grávida. O quê? Mais uma vez! Pois é. A tua mãe engoliu completamente o que o teu pai lhe garantia (ele é que é o entendido, sabe como funciona tudo, o corpo feminino não tem segredos para ele): enquanto estiver a amamentar, não pode engravidar. É matemático. O aleitamento impede o regresso da ovulação. Essa é que é essa! O teu pai é o ás da contraceção. A menos que, pela calada, tenha voltado a dedicar-se à sua ambição masculina: ter um rapaz. A tua mãe nem teve tempo de piar. Nem tu de repetir a dose. O teu desmame foi à bruta. De mama e de colo. A tua mãe continua por perto, mas a descansar. É porque carrega um bebé, dizem. Mas é o contrário: já não te carrega. És recambiada para o tapete, para a cama, para a cadeira de baloiço. Já não percebes nada. Sentes-te uma boneca esquecida, um objeto na prateleira à espera de que alguém o compre, um rouxinol ignorado a favor de um novo exemplar. Qual é o teu problema? O que te falta?

As águas rebentam numa sexta-feira à tarde, quando a tua mãe está no cinema com André, um amigo do casal. Tem carro, calha bem, leva-a à clínica sem esperar que o filme acabe. O teu pai prossegue com as consultas, não se desloca, prefere esconder a esperança por detrás do auscultador do telefone. O que é? É menina.

E vão três. Não faltava mais nada.

Dão-lhe o nome de Gaëlle. Que também se escreve Gaël, quando é rapaz, e até quando é menina (não insistas; os teus pais não estão familiarizados com Freud). Acaba por ser apenas para o Registo; não terão a ocasião de a chamar, pois morre dois dias depois. «Coitadinha»,

murmura o teu avô. Claro que desconheces tudo do acontecimento; os teus avós ficaram a tomar conta de ti e a palavra «morte» não te diz nada, tens apenas treze meses. Mas, embora a tua memória não conserve qualquer vestígio da tua irmã morta, não é o caso do teu *quarto preto*. Em casa da tua avó, no fundo do corredor, existe um quartinho sem janelas, uma espécie de arrecadação a que chamam o *quarto preto*, onde se acumula um caos de coisas indistintas, e diante do qual vais passar sempre a correr, sem parar, convencida de que é o esconderijo de monstros. Mas este quarto preto também está na tua cabeça. No dia 15 de novembro de 1960, quando Gaëlle, completamente pálida, deixa de respirar na Clínica Sainte-Agathe, lá dentro já há uma enorme bagunça, biberões mal digeridos, as agulhas de tricotar de Claude, a tua mãe a chorar, o queixo do teu pai a tremer. Mas Gaëlle, pelo contrário, instala-se majestosamente no quarto. A escuridão total não a incomoda, muito pelo contrário. Torna-se na criança do armário, na vítima secreta de uma assustadora Barba Azul. «Aqui, matam-se meninas.» Apressas-te a passar diante do cartaz, sem olhar, hás de o ler muito tempo depois de aprenderes a ler. Será que está lá porque a mataste? Desejaste tanto a morte dela que a força do teu desejo te assusta. Mais uma irmã? Nem pensar! Seria o fim do teu esplendor. Serias esmagada! Escondida no quarto preto, a tua raiva é performativa. Tirou-te a mama da boca? Abaixo a caçula! Arrancou-te dos braços maternos? Morra! Arrasas tudo com os teus maus pensamentos — e, agora, a sorte atendeu os teus pedidos. Ou então, uma versão menos obscura, foi a tua mãe que não quis: um terceiro filho agora que está caidinha por André? Péssimo *timing*. Ou talvez o teu pai, que só a verá morta, pois julgou que não era urgente conhecer a mais nova, *ter repetita non placent*. Em suma, Gaëlle, terceira filha, última irmã, não foi parar ao biótopo certo. Ninguém a queria, portanto, eclipsou-se discretamente, coisa que não é preciso ensinar às meninas; só teve de seguir a sua inclinação. Não irás à procura dela no quarto preto. Chega de meninas. Adeus e até nunca. *Ciao*, coisinha. Mas mais tarde, e isto desde há anos, sempre que cortas alguma coisa — pão, um bolo, queijo, seja o que for —, cortas uma fatia a mais, pequenina, além das que são distribuídas, uma fatiazinha de nada, que deixas de lado, embora acabes sempre por

comê-la. Não sabes porquê, mas não consegues evitar. É a *coisinha* que, apesar de tudo, os teus ciúmes canibais ou os remorsos herdados dos teus pais celebram: a parte do anjo, a parte de Gaëlle.

Agora, choras, mas não vem ninguém. À medida que cresces, encolhes-te cada vez mais, não queres dar trabalho, nem constatar que já ninguém se incomoda por tua causa. Deixas de chorar, fazes de conta que não precisas de nada (desde que não se esqueçam da hora da refeição). Os teus pais andam com cara de enterro, tu és enterrada viva e é para aprenderes: devias ter sido rapaz; o consolo seria maior. A caçula só morre uma vez, mas tu… Morres aos olhos da tua mãe, que deixou de te ver. Morres no desgosto do teu pai, que já não acredita. Morres nos ciúmes da tua irmã mais velha, que continua a sonhar ver-se livre de ti. Morres, até, na morte da tua irmã, pois não podes substituí-la. Em suma, estás feita. Serias capaz de conhecer todas as mortes da infância se os teus avós não te insuflassem provisoriamente a vida, enquanto os teus pais não ressuscitam. A tua avó foi sempre filha única, a mãe dela também, e ainda para mais mãe solteira, que a educou sozinha. Portanto, acham que ser menina até não é mau, de certa forma. Mesmo que nascesse uma multidão delas, cada uma seria única. Enfim, única… Ao mesmo tempo, única e como elas, extraordinária e idêntica, votada ao mesmo destino que o delas e com infinitas outras possibilidades, quem sabe? Para elas, a menina é o futuro da mulher. A menina é o futuro delas, mas também o seu reflexo. É a isso que a avó e a bisavó se agarram. Só votam há dez anos, pouco mais, e mesmo assim ainda não se atrevem a fazê-lo. Mas têm esperanças. Passam-te a sua procuração. Tu vais ser única, querida neta. Mas também não passes das marcas. Sê educada. Comporta-te. Nunca se sabe.

A julgar pelas primeiras fotografias de ti, os teus pais regressaram sãos e salvos à superfície do Estige, a barca dos mortos trouxe-os de volta ao cais. Nesta, a tua mãe sorri maravilhosamente para a objetiva — caso para perguntar se não terá sido André a tirar a fotografia. Tu estás em pé junto a ela, de cócoras, e sorris com um ar ainda bastante achinesado, os teus olhos são amêndoas perdidas nas tuas bochechas, tens um vestidinho rendado, peúgas brancas e umas belas barrigas das pernas. Naquela, estás com umas cuecas de banho de felpa, à direita

do teu pai que está de cuecas bem justas, com a tua irmã à esquerda, de fato de banho idêntico ao teu, estão os três em cima de uma rocha, com o mar calmo por trás. Tu e a tua irmã têm as duas o cabelo muito curto, os ombros em ângulo reto, e estão ambas de cuecas, a ponto de, junto com o teu pai, parecerem três rapazes em diferentes fases do desenvolvimento. Ainda és gorducha, mas menos: intrigado com o teu aspeto inchado, o teu pai acabou por perguntar o que te davam de lanchar todos os dias, e a tua avó respondeu: «Quatro bananas esmagadas com natas e açúcar, porquê?». O que tem o genro que ver com isso? A comida não é assunto de homens. As meninas são gulosas, já se sabe. Mas o teu pai não quer que fiques uma vaca. É mau para a saúde e também para arranjar marido. Podes chamar-te Barraqué, mas não é por isso que tens de te transformar num brutamontes. Opõe-se às comadres e tira-te as bananas (ficas a dever-lhe uma, diz). Emagreces, mas a alcunha que te deu irá acompanhar-te durante muito tempo: *Gorducha*. És uma gorducha, pronto. Por outro lado, Claude, em ponto pequeno, não tardará a chamar-te *Groc*. *Groc*, abreviatura de *Gros Cul*[2]. És uma síntese gorducha de rabo grande rosa bebé. Esta cor nunca emagreceu ninguém. Mas ainda não te vês ao espelho; tens três anos.

Tens três anos e já andas na escola há seis meses: quiseste ir para o mesmo sítio onde a tua irmã vai todos os dias (invejas o ar de importância com que chega a casa) e, como já não fazes nada nas fraldas, aceitaram-te. Para dizer a verdade, no primeiro ano, passas a maior parte do tempo a dormir, acordas num dormitório com todas as caminhas vazias, parecidas com as das histórias que começam a ler-te. Quando, tal como Branca de Neve, emerges do sono no meio das outras camas, não te lembras do que sonhaste nem do momento em que adormeceste. É assim que a tua primeira infância se apresenta: como um longo sono do qual não restou nada, ou talvez uma imagem-relâmpago, uma palavra. A verdade é que é estranho, quase inquietante, não saber nada de um tempo tão longo. Só as testemunhas preenchem a tua amnésia com as suas recordações, elas próprias verrumadas, que variam, e algumas fotografias cuja imagem a preto-e-branco realça a idade. Que

[2] «Rabo Grande». *(N.d.T.)*

dizem? Que eras a bebé modelo, mais tarde a menina modelo, que dormia bem, comia bem («Lá isso…», diz o teu pai), raramente chorava, sorria muito. Modelo, dizem-te. «Não é *top model*», acrescenta o teu pai. «Pois não, *Gorducha*?»; «Um pouco tímida», acrescenta a tua mãe. Desconfiada das caras novas de início, mas depois sociável, no fim de contas. Curiosa, até. Só que… tão, tão suscetível! Na idade em que a tua irmã se opunha, dizendo que não a tudo, tu não dizias nada, amuavas. Claude teve sempre um lado de maria-rapaz, refilão, rebelde. Tu, aos dois anos e meio, assim que te contrariavam, ias para o teu canto e fazias beicinho. Mesmo à menina! Mandaram-te cedo para a escola porque te aborrecias. Já falavas muito bem para a idade.

E como já falas muito bem para a tua idade, e as palavras, as pessoas, as coisas verdadeiras ou falsas que se contam te interessam muito, como os três anos são a idade das primeiras recordações e tu tens boa memória, agora que já foste apresentada a ti mesma, talvez possas continuar a história em teu nome. Quais são as tuas recordações de menina?